



UNISO CIÊNCIA



CONHECIMENTO A SERVIÇO DA COMUNIDADE • EDIÇÃO Nº 28 • 28/07/2024

LAUREADOS COM O PRÊMIO NOBEL DISCUTEM IMPACTO, FINANCIAMENTO, DIVERSIDADE E NECESSIDADE DE DIÁLOGO NA CIÊNCIA



Foto: Fernando Rezende

• PÁG 02 •

PELA QUARTA VEZ,
TEDx FOI REALIZADO NA UNISO

• PÁG 08 •

EPECOM ESTÁ COM INSCRIÇÕES
ABERTAS ATÉ SETEMBRO

• PÁG 08 •

EDITORIAL

Três pesquisadores reconhecidos com o prêmio Nobel estiveram no Brasil, recentemente, para falar sobre os desafios da produção científica de alto impacto na sociedade. O *Uniso Ciência* acompanhou esse debate, realizado na USP, na cidade de São Paulo, e reuniu, nesta edição, os principais aspectos abordados pelos cientistas. Um dos assuntos discutidos foi a difusão do conhecimento científico entre públicos não acadêmicos — o que nos interessa, particularmente, tendo em vista ser esse um dos propósitos do projeto *Uniso Ciência*.

Completam esta edição uma nota sobre a quarta edição do TEDx Uniso, que trouxe para a Universidade um debate sobre inovação, na perspectiva de profissionais e personalidades de várias áreas; e ainda um convite para o Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, um dos principais eventos acadêmicos promovidos pela Universidade, a ser realizado no segundo semestre. **Boa leitura!**

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta
Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol
**Pró-Reitor de Graduação
e Assuntos Estudantis**

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior
**Pró-Reitor de Pós-Graduação,
Pesquisa, Extensão e Inovação**

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: Prof. Dr. Édison Trombeta de Oliveira, Prof. Dr. Guilherme Profeta e Profa. Dra. Mara Rovida (Reportagens), Beatriz Morato Lobão Grandão (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br
(15) 2101.7006/7081 | uniso.br

LAUREADOS COM O PRÊMIO NOBEL DISCUTEM

IMPACTO, FINANCIAMENTO, DIVERSIDADE E NECESSIDADE DE DIÁLOGO NA CIÊNCIA

REPORTAGEM: Guilherme Profeta
FOTOS: Fernando Rezende

Como a ciência pode beneficiar a sociedade como um todo? Quais são os maiores desafios para se fazer ciência no mundo contemporâneo? Quais são as responsabilidades dos cientistas (além, é claro, de fazer ciência)? Para discutir possíveis respostas a essas perguntas, três laureados com o Prêmio **NOBEL** estiveram no Brasil, no primeiro semestre de 2024, para um evento intitulado *Nobel Prize Dialogue* (numa tradução livre, Diálogo do Prêmio Nobel), que roda o mundo com o intuito de difundir grandes questões próprias do universo da pesquisa à comunidade não acadêmica.

O projeto Uniso Ciência marcou presença no evento, cuja edição de São Paulo se deu na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP), sob organização da Fundação Nobel em parceria com a Academia Brasileira de Ciências. Nesta reportagem, você acompanhará os principais pontos debatidos nesse fórum, editados e divididos em quatro blocos temáticos para facilitar a leitura. Longe de estar restrita aos laboratórios e às universidades, essa é uma discussão que deve (ou deveria) se fazer presente em cada sala de aula da educação básica, em cada esquina e em cada lar brasileiro.



À direita: os doutores David MacMillan, Serge Haroche e May-Britt Moser

PARA SABER MAIS: O QUE É O PRÊMIO NOBEL?

O Prêmio Nobel, reconhecido como uma das mais altas honrarias que um cientista pode receber, leva esse nome por ter sido criado pelo químico sueco Alfred Nobel — conhecido também pela invenção da dinamite. Desde 1901 (com interrupções em determinados momentos, como as Guerras Mundiais), prêmios Nobel são concedidos àqueles que, de acordo com instituições suecas devidamente designadas, foram os responsáveis por descobertas e criações que, no ano anterior, representaram grandes benefícios à humanidade. Os prêmios são divididos em cinco categorias: Física, Química, Fisiologia ou Medicina, Literatura e Paz. A sexta categoria, Economia, foi acrescentada posteriormente. Um único prêmio Nobel pode ser compartilhado por até no máximo três indivíduos simultaneamente, que, além do reconhecimento, recebem também uma volumosa soma em dinheiro — fruto dos rendimentos da fortuna deixada por Alfred Nobel para esse fim.

OS TRÊS LAUREADOS



David MacMillan (Nobel em Química, 2021)

O Nobel de Química conferido ao pesquisador escocês, dividido com o alemão Benjamin List, se deu pelo desenvolvimento da organocatálise assimétrica, ou, em outras palavras, de uma nova forma de acelerar determinadas reações químicas por meio da utilização de moléculas orgânicas, o que torna o processo mais barato e mais ecológico do que as alternativas. A descoberta teve aplicações imediatas na indústria farmacêutica.



May-Britt Moser (Nobel em Medicina, 2014)

Em colaboração com o também norueguês Edvard Moser e o britânico-estadunidense John O'Keefe, May-Britt Moser recebeu o Nobel de Medicina pela identificação de um tipo de célula nervosa que forma uma espécie de sistema de navegação no hipocampo de animais (incluindo seres humanos). As aplicações são diversas, desde a computação neural até o tratamento da doença de Alzheimer.



Serge Haroche (Nobel em Física, 2012)

O pesquisador francês nascido no Marrocos dividiu o Nobel de Física com o estadunidense David Wineland. Seu prêmio se deu devido ao desenvolvimento de métodos experimentais relativamente simples, que permitem a observação e a manipulação de partículas quânticas individuais, especialmente os fótons (como são chamadas as partículas que constituem a luz). Sua pesquisa permitiu observar fenômenos que até então só podiam ser teorizados, assim contribuindo para o avanço do conhecimento humano em Física.

IMPACTO! MAS QUAL IMPACTO?

Seja a descoberta de uma nova reação química, ou a detecção de um novo tipo de célula nervosa, ou ainda a invenção de um experimento que permite manipular um único fóton, entre muitas outras possibilidades, a pesquisa científica representa benefícios para a humanidade. A esse conjunto de benefícios — que envolvem tanto a contribuição que determinada pesquisa tem para um campo do conhecimento quanto suas possíveis aplicações práticas a toda a humanidade — dá-se o nome de impacto. O problema é que nem todo impacto pode ser facilmente mensurado pelas mesmas métricas, o que se torna especialmente claro quando se considera a diferença entre ciência básica, ou fundamental (aquela voltada à ampla compreensão de um fenômeno, mas sem a obrigatoriedade de resolver um problema), e ciência aplicada (aquela voltada a desenvolver tecnologias para resolver problemas específicos).

“Existem muitas maneiras de gerar impacto”, diz David MacMillan, laureado com um Nobel em Química no ano de 2021. “A primeira dessas maneiras é fazendo ciência básica; você pode fazer alguma coisa com que ninguém se importa hoje e, então, 20 anos depois, essa coisa se torna incrivelmente importante em relação a tudo que está acontecendo no mundo. Existem muitos exemplos assim na Química. Mas existe outro tipo de impacto: aquele em que alguém pode inventar uma reação química numa segunda-feira e, quando for sexta-feira, as pessoas alocadas na indústria farmacêutica já estarão se utilizando dessa reação. É bastante empolgante quando nos damos conta de que isso está acontecendo. Quer leve muito ou pouco tempo, impacto é algo realmente importante; é a parte do trabalho que nos lembra como a curiosidade, o aprendizado e o pensamento realmente nos afetam como sociedade.”

Mais do que uma lucubração filosófica, contudo, essa questão da utilidade na ciência tem implicações bastante práticas e imediatas já que, muitas vezes, é a obvidade do impacto de uma pesquisa que é levada em consideração para decidir quais estudos receberão financiamento (ou

não), consequentemente determinando a ascensão profissional de determinados pesquisadores em detrimento de outros. Para Serge Haroche, laureado com um Nobel em Física em 2012, a utilidade imediata não é (ou não deveria ser) a melhor métrica para determinar a importância de uma pesquisa.

“Para mim, a razão mais importante para apoiar a ciência não é o fato de ela ser útil ou não, mas sim porque ela faz parte do que nos torna uma civilização”, ele diz, lembrando uma famosa anedota relacionada à construção de um superacelerador de partículas nos Estados Unidos, no fim da década de 1960 — que posteriormente viria a se tornar o Fermilab (*Fermi National Accelerator Laboratory*, ou, em português, Laboratório Nacional de Aceleradores Fermi, em homenagem ao físico ítalo-estadunidense Enrico Fermi). A construção desse acelerador envolvia investimentos bastante expressivos, na ordem dos milhões, e, por isso, o físico Robert Rathbun Wilson (1914 — 2000) foi um dos cientistas convidados a se posicionar diante do congresso estadunidense naquela ocasião. “Conta-se que um dos congressistas perguntou a ele: ‘Essa pesquisa é relevante para a defesa dos Estados Unidos?’, ao que o cientista respondeu: ‘Não, senhor, não é. Mas ela faz com que os Estados Unidos sejam algo digno de se defender’”, lembra Haroche. A transcrição não é exata, mas o diálogo é realmente atribuído a Wilson, em abril de 1969, quando o respectivo investimento foi aprovado e ele foi designado como responsável pelo projeto e pela construção do novo acelerador.

DE ONDE VEM O DINHEIRO — E O QUE SE ESPERA EM TROCA DELE?

A anedota referente ao diálogo de Wilson com o congresso estadunidense é emblemática por representar uma característica importante dos bastidores da pesquisa, uma que talvez não esteja suficientemente clara para o contribuinte: fazer ciência custa caro e, quando o investimento é público, quem paga por isso é o pagador de impostos — o que certamente inclui você que está lendo esta reportagem. Em troca desse investimento (que pode ser bastante alto dependendo do tipo de pesquisa), costuma-se esperar certos resultados,

o que pode beneficiar pesquisas consideradas mais “úteis” e, no fim das contas, prejudicar pesquisadores que tenham optado por se aventurar por caminhos menos ortodoxos, por assim dizer.

“O que os cientistas devem fazer é explorar os fenômenos por curiosidade, e então as aplicações surgirão de direções inesperadas”

“É muito importante ter acesso a agências de financiamento para fazer ciência”, relativiza MacMillan. “No entanto, ainda que essas agências sejam ótimas, às vezes pode ser difícil lidar com os seus revisores, porque geralmente eles estão procurando coisas que façam sentido com base naquilo que nós já sabemos. Enquanto isso, jovens pesquisadores podem querer seguir numa direção completamente diferente, que talvez não faça sentido em comparação com o que já sabemos. Infelizmente, é difícil obter financiamento para fazer esse tipo de coisa, e é aí que mora o problema: nós acabamos fazendo as coisas que parecem fazer mais sentido, em vez das coisas que são mais incomuns, ou que apresentam maior risco. Esse é o verdadeiro equilíbrio quando se é um jovem cientista; você tem de garantir que terá os recursos necessários para fazer o que precisa ser feito, mas, ao mesmo tempo, que será algo suficientemente arriscado e diferente. É importante que você seja independente e encontre seu próprio caminho, e que não faça necessariamente o que uma agência governamental esteja dizendo a você. Como cientistas, nós temos de continuar inventando o mundo moderno. É isso que nós fazemos, certo? Se ficassemos esperando que outras pessoas nos dissessem o que fazer, nós estaríamos em apuros.”

Haroche defende que, para fazer boa ciência, é necessário ter pensamento livre, e que essa é uma grande vantagem dos países democráticos — o

que não significa que, mesmo nesses países, não existam forças mais sutis que podem influenciar essa liberdade. “Ter liberdade é o ideal”, ele diz, “mas eu penso que isso era mais verdade no passado, porque podíamos conduzir nossos experimentos com menos recursos. Custava menos dinheiro do que hoje em dia e, naquela época, a pesquisa era conduzida mais de ‘baixo para cima’ do que ‘de cima para baixo’ — no sentido de que havia menos restrições impostas pela gestão. Hoje, existe uma grande tendência de organizar a pesquisa de acordo com programas. Existem, por exemplo, grandes programas focados em tecnologias quânticas, que são dirigidos de cima para baixo e impõem muitas restrições às pessoas que estão fazendo esse tipo de pesquisa. Você é obrigado a prometer resultados e esse não é realmente o modo como a pesquisa funciona; o que você deveria fazer é explorar os fenômenos por curiosidade, e então as aplicações surgiriam de direções inesperadas. Penso que aqueles que são responsáveis pela formulação de políticas deveriam se preocupar mais com isso e entender que se faz necessário apoiar a pesquisa, criando as melhores condições para que os estudos surjam de baixo para cima, e não os impondo de cima para baixo.”

Para Haroche, essa é uma questão diretamente relacionada à forma como se dá a progressão da carreira de jovens cientistas: “Essa é uma questão mais voltada aos formuladores de políticas, que deveriam desenvolver as condições de modo a permitir que a pesquisa aconteça, de fato, de baixo para cima. Para isso, o sistema deveria funcionar de tal forma que os recursos fossem direcionados a jovens talentosos e brilhantes, para que eles pudessem provar que são capazes de realizar pesquisa produtiva. É assim que funciona em institutos muito bem-sucedidos nos Estados Unidos, na Suíça e em Israel, por exemplo. Eles dão essa oportunidade aos jovens: eles lhes dão dinheiro e, após alguns anos, naturalmente, os pesquisadores passam por uma avaliação. Alguns deles conseguirão posições permanentes e outros não. É um sistema que envolve algum risco para os jovens, mas esse risco vem com a confiança que lhes é dada no início. Sinto dizer que isso não acontece em outros países, como é o caso da França, por exemplo. Nesses países, o sistema não funciona dessa

PARA ACOMPANHAR A ARGUMENTAÇÃO...



1. Ciência precisa ter impacto. Simples assim. Mas impacto não é algo simples de se definir; do mesmo jeito que ele pode ser imediato, ele também pode demorar muito tempo para se tornar perceptível — e está tudo bem (ou ao menos deveria estar).

2. Ter financiamento é muito importante para poder fazer ciência. Mas, muitas vezes, o financiamento vai se basear justamente na percepção de impacto de quem está financiando uma pesquisa (uma agência governamental de fomento, por exemplo), especialmente no potencial de aplicações imediatas. Isso pode tolher a liberdade (e a criatividade) de cientistas, especialmente dos mais jovens, que, para construir suas carreiras, precisam se adaptar a temáticas e projetos para os quais o financiamento é mais abundante. A questão do **produtivismo acadêmico** — a pressão por publicar o máximo e o mais rapidamente possível — também tem impactos profundos na qualidade da ciência.



3. Fazer ciência é difícil. Isso vale para os bastidores da ciência (ser capaz de provar o impacto de sua pesquisa, publicar bastante, conseguir financiamento etc.), mas também para o próprio método científico. Mesmo que não falemos muito sobre isso, cientistas lidam com o fracasso o tempo todo. Nesse processo de solucionar problemas, **a diversidade deve ser compreendida como um ativo**, pois equipes mais diversas, trabalhando de forma interdisciplinar, enxergam conexões menos óbvias com mais facilidade e geram resultados mais criativos.

4. O impacto da ciência envolve dialogar com a sociedade. Sociedades contemporâneas são baseadas no desenvolvimento científico, que, acima de qualquer outra coisa, pode ajudar a solucionar muitos dos desafios que nós temos hoje e que ainda não surgiram. O problema é que nem sempre a sociedade se dá conta disso, porque, na maior parte das vezes, a ciência parece complicada demais. Nesse sentido, os cientistas (muitas vezes auxiliados por outros agentes sociais) devem assumir o papel — e a responsabilidade — de embaixadores da ciência.



maneira; você contrata jovens pesquisadores e lhes oferece posições permanentes desde o início, mas não lhes dá os recursos e o suporte que eles deveriam ter. Desde o começo exige-se que eles solicitem bolsas de pesquisa, que são concedidas de cima para baixo. Não acho que seja o ideal.”

Outra questão, também relacionada à progressão de carreira de pesquisadores em todo o mundo, que não pode ficar de fora desse tipo de debate — e que, segundo os mediadores da Fundação Nobel, é uma temática que sempre surge onde quer que esse tipo de evento esteja sendo conduzido —, é a do produtivismo acadêmico, ou, em outras palavras, a cobrança para que os cientistas publiquem seus resultados tão rapidamente e tanto quanto possível, e o fato de essas publicações serem utilizadas como métrica quantitativa para o ranqueamento de pesquisadores por suas universidades ou instituições de pesquisa. No mundo acadêmico, essa situação recebe o apelido de “*publish or perish*” (em português, “publicar ou perecer”).

Para Haroche, essa é uma condição “perversa” da vida acadêmica. “Existe, na ciência, uma forte pressão para publicar, que se dá especialmente sobre jovens estudantes ambiciosos, que querem ter seus artigos incluídos em periódicos científicos renomados e obter boas posições de pós-doutorado”, ele diz. Haroche argumenta que isso leva jovens cientistas a optar por temáticas mais publicáveis, que estejam “na moda”, influenciados pela reputação de certos periódicos. “Eu acho isso ruim. Penso que as pessoas, especialmente as mais jovens, não deveriam ser avaliadas pela quantidade de publicações e citações, mas sim de forma qualitativa, o que é muito mais difícil de fazer.”

DIVERSIDADE (E, CONSEQUENTEMENTE, CRIATIVIDADE) COMO VANTAGEM COMPETITIVA

Quando se considera esse contexto de competição por recursos limitados e de pressão social e institucional para justificar as aplicações da própria pesquisa, é natural que se fale muito mais, quando se discute ciência publicamente, sobre os

sucessos do que sobre os fracassos. Mas isso não quer dizer que insucessos não existam. “Depois que eu ganhei o Prêmio Nobel”, conta MacMillan, “a pergunta que eu mais ouço é como eu lido com o fracasso. E essa pode parecer uma pergunta estranha para se fazer a alguém que acabou de ganhar um Prêmio Nobel, mas nós sabemos, como cientistas, que costumamos lidar com o fracasso muito mais do que com o sucesso. Há aqueles dias em que você pensa ‘por que estou fazendo isso?’ e sente como se estivesse batendo a cabeça contra a parede. Mas há também aqueles dias em que as coisas funcionam. Quando isso acontece, é a sensação mais incrível do mundo, porque você se dá conta de que um pedacinho de conhecimento até então desconhecido passará a ser conhecido para sempre a partir daquele momento. Para mim, essa é uma das coisas mais estimulantes sobre a ciência, essa percepção de como estamos continuamente contribuindo. Certamente há dias em que você pensa em desistir, mas existem também esses dias incríveis em que você se sente nas nuvens, só por fazer parte desse processo de dar conhecimento ao mundo. É maravilhoso.”

“Cientistas, especialmente os mais jovens, não deveriam ser avaliados pela quantidade de publicações e citações, mas sim de forma qualitativa”

May-Britt Moser, laureada com um Nobel em Medicina no ano de 2014, concorda que o insucesso é uma presença constante, parte integrante da rotina dos cientistas, e que é justamente por isso que fazer ciência é tão difícil. Longe de ser uma rota linear e constante, o processo envolve a assunção de estratégias para mitigar dificuldades e reveses intrínsecos. Uma dessas estratégias, segundo ela, é a promoção da diversidade nos laboratórios e demais locais em que a pesquisa acontece. “E eu não estaria aqui dizendo que precisamos de diversidade se não pudesse provar que, em meu

instituto, nós vivemos conforme esse princípio”, ela defende. “Lá nós temos pessoas de 30 países diferentes, pessoas de todas as cores, e isso é algo que amamos, pois precisamos dessas cores diferentes não só ‘do lado de fora’, mas também por dentro. Precisamos de atitudes e formações diferentes, porque é isso que enriquece a ciência.”

Moser explica que, hoje em dia, o *modus operandi* da ciência é bastante baseado na colaboração entre equipes interdisciplinares. “É por isso que, para nós, a diversidade é tão importante. Nós colaboramos com pessoas que realmente conhecem seus campos do conhecimento e, ao conhecermos o nosso próprio campo, nós sabemos para onde queremos ir junto com essas pessoas, e então nós simplesmente alcançamos coisas que não alcançamos antes.”

Moser defende que, ao se desenvolver uma mente imaginativa — até mesmo artística — como parte integrante do processo de fazer ciência, é possível canalizar a diversidade de uma equipe, se ela for suficientemente heterogênea, para imaginar coletivamente a resolução para problemas para os quais até então não havia solução. MacMillan concorda: “Como cientista, eu penso que criatividade diz respeito a introduzir novas formas de pensar, algo que é tão crítico para tudo que fazemos na ciência, incluindo a resolução de problemas. É ser capaz de visualizar soluções que outras pessoas não conseguem, conectando coisas que a princípio parecem muito díspares, mas que no final podem ser conectadas.”

ASSUMINDO RESPONSABILIDADES ALÉM DO LABORATÓRIO

Vale lembrar que a ciência não acontece num “plano astral” ou num “limbo” destacado da realidade social; pelo contrário: descobertas e invenções científicas têm aplicações (mais ou menos imediatas) na vida cotidiana das comunidades, além de dependerem de recursos que advêm de toda a sociedade. Além disso, as universidades não são livres de certas dinâmicas de poder que fazem parte da sociedade como um todo (como, por exemplo, a representatividade



O evento aconteceu na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (USP), no primeiro semestre de 2024

reduzida de certos grupos menos privilegiados nos espaços em que acontecem as tomadas de decisão, questão relacionada às discussões sobre diversidade na ciência). Daí a importância de incluir nos debates sobre o fazer da ciência todos esses estratos não acadêmicos — o setor privado (que vai se utilizar das aplicações mais imediatas das pesquisas, não raro comercializando-as), o contribuinte (que, indiretamente, vai pagar pelo financiamento de determinadas pesquisas em detrimento de outras), a classe política (que vai tomar decisões sobre o repasse dos recursos para uma ou outra área, idealmente com base na vontade do povo) e a imprensa (que vai difundir os resultados das pesquisas às comunidades externas às universidades, munindo a população de informações para formar suas opiniões de forma mais crítica).

“Nós vivemos numa época em que existem problemas muito desafiadores, sejam as mudanças climáticas, a busca por fontes alternativas de energia, problemas relacionados à saúde e à pandemia. Para tudo isso, a ciência é a única resposta possível”, defende Haroche. “Também precisamos entender, e é disso que os formuladores de políticas nos lembram o tempo todo, que nós dependemos dos contribuintes. Então, temos de explicar a esses contribuintes

o porquê de ser importante apoiar a ciência.” O mesmo vale para a classe política que, num contexto democrático, intermedeia decisões em nome desses contribuintes (todos nós). “Trata-se de algo desafiador porque, aqui — no contexto do *Nobel Prize Dialogue* —, nós estamos pregando na frente de pessoas que concordam com o que estamos falando, o que é muito bom e gratificante, mas não tão útil. Na verdade, deveríamos ter uma sala cheia de formuladores de políticas e burocratas, e então explicar a eles o porquê de a ciência ser importante”, ele argumenta.

MacMillan acrescenta que isso deve ser feito de uma forma que leve as pessoas a realmente compreender e a participar do processo de forma ativa. “No que diz respeito à comunicação”, ele diz, “o problema é que a ciência parece complicada demais e, conseqüentemente, muito distante do grande público. A questão é: com que esse público de fato se importa? Ele se importa em ser entretido, e ele encontra isso em outros tipos de comunicação. Como cientistas, se pudermos alcançar esse mesmo tipo de resultado, podemos fazer com que o grande público se entusiasme com a ciência.”

É claro que fazê-lo não é uma atividade diretamente relacionada à pesquisa, e, como tal,

consome tempo e energia que os cientistas poderiam destinar aos seus próprios projetos. No entanto, Moser defende que essa é uma responsabilidade que os pesquisadores não deveriam negligenciar. “Eu preciso ser honesta: essa é uma discussão que eu tenho comigo mesma todos os dias”, ela conta. “Qual é a minha responsabilidade hoje? Eu devo passar todo o meu tempo no laboratório discutindo ciência? Ou eu devo responder a um jornalista, ou devo dialogar com os políticos? O que é que deve nos tirar do laboratório? Essa é a pergunta que nós, cientistas, devemos nos fazer todos os dias.”

Para ela, ainda que cientistas não sejam políticos em sentido estrito, destinar recursos a atividades de difusão (participando de diálogos públicos ou contribuindo com a imprensa, por exemplo) é, em última análise, uma forma de os cientistas contribuírem efetivamente para a consolidação da democracia. “Lembre-se de que o seu interesse pela ciência o torna um perfeito embaixador para falar sobre ciência além dos limites de seus relacionamentos mais próximos. Se todos os cientistas o fizessem, isso ajudaria a democracia em todo o mundo. Como cientistas, nós temos mais responsabilidade do que as outras pessoas”, ela argumenta.

PELA QUARTA VEZ, TEDx FOI REALIZADO NA UNISO



Foto: Fernando Rezende

O professor doutor Thiago S. Marques, docente responsável pela organização da 4ª edição do TEDxUniso

Pela quarta vez desde 2020, a Uniso recebeu uma edição das famosas conferências TEDx. O evento aconteceu na Universidade, na reta final do primeiro semestre de 2024, como parte de uma iniciativa global que reúne, todos os anos, mais de três mil conferências sobre ideias que merecem ser compartilhadas, não só em escolas e universidades, mas em outros locais públicos em todo o planeta. Em sua mais recente edição realizada na Uniso, o TEDx foi organizado pelo professor doutor Thiago Simon Marques (Ciências Biológicas), com a colaboração do professor mestre Emilio Alves de Oliveira (Relações Públicas) e da professora mestra Carla Bonfim de Moraes Salles

(Design), e incluiu temas como a educação do futuro, as relações entre o ser humano e a tecnologia, as estratégias para uma comunicação mais acessível às massas, entre outros.

As palestras estarão disponíveis em breve no site do evento, ted.com/tedx/events/55746, que pode ser acessado, também, por meio do QR code abaixo.



ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA ESTÁ COM INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ SETEMBRO

O tradicional Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura (Epecom) da Uniso, realizado desde 2007 pelo seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCC), está com as inscrições abertas para sua edição de 2024 até o dia 20 de setembro. Para os pesquisadores da área da Comunicação (independentemente do nível: doutorado, mestrado ou graduação), o prazo para submissão de trabalhos é 9 de agosto.

Além das apresentações de artigos, divididos em oito grupos, o evento contará também com conferências temáticas. Nesta edição, o tema é a educação midiática — ou, em outras palavras, os processos pelos quais se desenvolvem as atitudes, as habilidades e os conhecimentos necessários para que, num contexto democrático, os cidadãos sejam capazes de ler as mídias e com elas se relacionar de forma tão crítica quanto possível —, algo tão necessário nesta era de mídias sociais, em que os espaços públicos e privados estão tão enredados, e em que trafega tanta desinformação.

As inscrições são gratuitas e já podem ser feitas na página do evento: uniso.br/evento/epecom-2024 (siga o link pelo QR code para acessar diretamente).

